



Dos aprendizados com o fogo: testemunho de um combate a incêndio

Alik Wunder

Há um ano atrás o fogo apareceu com força em nossas vidas, com toda sua potência destruidora e descontrolada. Logo após o início da quarentena devido à pandemia do Covid-19, decidimos ficar por um tempo em nosso sítio Arvoredo em Pocinhos do Rio Verde (Caldas, sul de Minas Gerais). Aproveitamos esse tempo para cuidar e sermos cuidados por este lugar, onde no ano anterior havíamos construído uma pequena casa. O isolamento social, o cancelamento dos shows do meu companheiro, o trabalho remoto da universidade e da escola de meu filho abriu-nos a possibilidade de colocarmos energia nesse lugar. Há muitos anos, o Vale da Pedra Branca já nos encanta e nos alimenta, desde as primeiras visitas ao sítio da Rosa dos Ventos, a Casa de Acolhida do querido amigo Carlos Rodrigues Brandão. Ao pé de uma montanha, entre pequenas nascentes, fragmentos de Mata Atlântica nos aninhamos, restaurando o solo, plantando, aprendendo, nos fortalecendo, ao mesmo tempo que sentíamos este doloroso momento de adoecimento coletivo.

Em uma manhã fria e ensolarada acordamos com um evento estranho. Na saída da porta da cozinha, uma mancha escura se movia no chão: milhares de formigas se movimentavam numa mesma direção, desciam o morro. Alertei João que aquilo sinalizava perigo, havia lido relatos de pessoas sobreviventes de terremotos e tsunamis, que diziam que este comportamento das formigas era um dos primeiros sinais da catástrofe. Seguimos nossos trabalhos do dia com essa mensagem enigmática do formigueiro.

Às 13h, após uma longa reunião remota da universidade, preparando o almoço, recebi a visita de dois irmãos moradores do Vale da Pedra Branca. Eles viram um foco de fumaça em cima do morro e rapidamente subiram, sabendo que estávamos por lá. Saímos juntos para olhar o fogo que já estava na copa das árvores a menos de 500 metros de casa. Ventava forte, a vegetação estava muito seca e o fogo descia com muita velocidade. Conhecedores das dinâmicas dos incêndios, eles nos alertaram para retirar os objetos de valor da casa e levá-los no carro para um lugar seguro, pois em meia hora o fogo chegaria até nós. Olhar para a sua casa e escolher rapidamente o que deve ser salvo é uma experiência marcante: documentos, alguns livros, computadores, violas, tambores, o que mais? Não há tempo. Me lembrei das formigas enquanto carregava de forma apressada e desajeitada esse punhado de coisas.

Eles foram olhar o incêndio mais de perto e identificaram a origem, uma fogueira mal apagada. Eu corri para um local com sinal de celular para mandar mensagens de pedido de ajuda a amigos e amigas da cidade. O corpo de bombeiro mais próximo



estava a 40 minutos, em Poços de Caldas, sem muita esperança acionei-os. Por orientação deles comecei a molhar a vegetação envolta da casa, com a sensação de que nada adiantaria, já ouvia o ruído das labaredas e o vento quente vindo de cima da montanha.

Os moradores do bairro observaram que a estrada que leva à propriedade de cima poderia segurar o fogo que descia e rapidamente criaram uma estratégia de combate: limpeza do capim seco da estrada, abertura de um aceiro¹ de dois metros de largura e atear “fogo contra fogo”, técnica tradicional de colocar fogo em direção ao incêndio para contê-lo. Começamos os trabalhos e em menos de meia hora havia mais de vinte pessoas conosco, todas com enxadas e muita coragem. A maior parte delas combateram um longo incêndio na Pedra Branca em 2017 e fazem parte da Aliança em Prol da APA Pedra Branca, organização ambiental da qual também participamos.

Fiquei organizando as ferramentas e enchendo baldes de água numa mistura de desespero, de esperança e de gratidão àquelas pessoas que numa terça-feira à tarde largaram tudo para nos ajudar. O fogo foi contido pela estrada e pelo aceiro de mais de trezentos metros, aberto com muita rapidez em mutirão. Controlado nessa direção, desceu com força pela propriedade ao lado, um pasto de capim-gordura - gordura vegetal que é puro combustível. Formamos nessa hora uma linha de pessoas na divisa do sítio, olhando atônitos para as labaredas de mais de dez metros que se formavam no momento do “fogo contra fogo”. Em meio ao vento forte, cada um com um balde, uma mangueira ou uma enxada, hora avançávamos, hora recuávamos por causa do calor, tentando segurar o fogo que descia e chegava a menos de três metros de casa.

Muitos gaviões sobrevoavam a área queimada, talvez atrás dos animais que fugiam. Imagino quantos ninhos foram queimados, quantos animais não conseguiram fugir. Nessa hora as formigas deveriam estar longe e nós ali numa ação coletiva como um formigueiro, criando uma linha entre a casa e o fogaréu.

Nesse momento de maior tensão, os bombeiros chegaram. Eram três, num pequeno carro. Caiu por terra a imagem de um grande carro de bombeiros com longas mangueiras nos salvando (uma parte de mim tinha esta esperança). Entendi que essa imagem serve para a cidade e não para incêndios florestais. Os bombeiros entraram no movimento com abafadores e bombas costais com roupas e equipamentos de segurança, bem diferente de nós. Entre as rajadas de vento quente, a gente nesse vai e vem, recuando e avançando, no meio da confusão um deles me pergunta: “Onde tem uma lagoa? Vou chamar um helicóptero pois não vamos conseguir conter o fogo”. Não tive forças para responder, não havia tempo. Ficou ressoando aquela música do Emicida: “Tudo que nós tem é nós”. E depois desse dia, essa canção faz cada vez mais sentido para mim.

¹ Aceiro é o desbaste de um terreno que circula as plantações, ou uma propriedade. Também chamado de atalhada, ele pode existir em torno de matas e florestas. A principal função do aceiro é manter o espaço limpo evitando, portanto, a propagação de incêndios.



Depois de quatro horas de trabalho, o fogo foi contido na nossa direção e do sítio abaixo de nós, mas seguiu pelo vale por aproximadamente dois quilômetros, queimando a borda da floresta do topo do morro e velhas árvores dispostas no pasto. Felizmente não havia nenhuma casa em todo esse trecho. No fim de tarde, duas pessoas que tentaram conter o fogo acima do morro voltaram. Ficamos por horas sem saber se estavam bem e a última mensagem recebida por celular era que estavam cercados pelo fogo. Ninguém se feriu, a casa estava salva e isso foi motivo de celebração entre nós. Ao cair da tarde, sentamos finalmente para almoçar, cansados e aliviados.

Seguimos a linha do aceiro para nos certificar de que não havia focos e com o escuro, veio a notícia de que o trabalho ainda não tinha terminado. Havia centenas de tocos queimados incandescentes na linha limite por onde o fogo passou. A cena era bonita, a montanha parecia um céu estrelado. O vento forte continuava e vimos as faíscas dançarem em direção a área preservada, das árvores e dos velhos mourões caíam muitas. Vimos que em cima de duas árvores altas, ainda havia fogo. Nessa hora começou a segunda parte do combate.

Felizmente chegou uma outra turma de apoio com motosserra, escadas e muita vontade de ajudar. Com baldes de água, montanha acima, fomos apagando cada toco aceso. Um amigo conseguiu escalar as duas árvores e, com nossos lençóis encharcados em água, foi apagando o fogo dos galhos. Não conseguimos chegar ao galho mais alto de uma das árvores, que derramava brasa no capim seco. Ficamos até às três da manhã, em vigília, apagando o fogo que iniciava a cada brasa que caía. Fomos dormir exaustos, intoxicados pela fumaça, sujos de fuligem, completamente sem forças após catorze horas de trabalho.

Poucas horas depois, meu companheiro acordou com um barulho, correu até a árvore e viu que um grande galho em brasa havia caído e iniciava um novo incêndio. Conseguiu conter. Até hoje não sabemos como esse barulho foi ouvido por ele, pois a árvore estava a mais de trezentos metros de casa. Ele não sabe se ouviu acordado ou em sonho. E seguiram-se noites cheias de pesadelos, taquicardia e sobressaltos. Seguimos a semana imaginando: e se o fogo tivesse chegado na madrugada? E se o vento tivesse se voltado para o oeste? E se não tivéssemos feito a estrada nova acima de casa? E se os vizinhos não tivessem nos avisado a tempo?

Na semana que se seguiu foram dias de intenso trabalho para conter o fogo que voltava dentro da mata. A brasa seguia para dentro da floresta pela serrapilheira - camada de folhas do chão - e ao encontrar uma árvore morta, o incêndio iniciava. O trabalho foi feito diariamente, durante todo o dia, por pequenos grupos: identificar os focos de incêndio, fazer aceiros em torno dos troncos secos e jogar água nas brasas. Cada dia recebíamos amigos e amigas para nos ajudar. Passamos oito dias carregando água da mina que havia montanha acima e fazendo os aceiros. Toda manhã alguém da montanha da frente nos enviava fotografias e identificávamos os focos. No primeiro dia



após o incêndio eram muitos e foram diminuindo na semana. Apesar de todo trabalho, foi muito bom ver o quanto ele dá resultado.

Aprendi nessa experiência que o chão da mata é muito mais arejado do que imaginamos, com o fogo é possível ver sulcos feitos pelas raízes, em especial nessa região repleta de pedras. As pedras guardam o calor, o fogo corre por baixo de forma imperceptível. No meio do dia, com o pico do sol, tudo recomeça em pequenas fogueiras pelo chão da mata. Parece que a memória vulcânica desse lugar se acendeu. Por vezes, víamos fumaça saindo de buracos do chão e mais a frente aparecia o fogo em troncos caídos.

Pituca, nossa cachorra, acompanhou todo o trabalho e sumia na mata. Algumas vezes a ouvíamos latindo em um lugar longe e ao encontrá-la havia ao seu lado um foco de fogo. Foi muito emocionante perceber a força coletiva de formigas, cachorros, gentes e da própria floresta em segurar o fogo. Em alguns lugares distantes a alguns metros do limite do incêndio, havia uma neblina úmida e parecia ser a própria floresta puxando umidade da terra para se proteger. A vida quer vida, a vida protege a vida. Nesses momentos, entre a exaustão e o encantamento, sentimos fazer parte de um movimento bem maior, mais que humano. Isso nos deu muita força - física e emocional - que até então não sabíamos que tínhamos.

Depois de um ano, retorno a essas memórias com a intenção de lançar um olhar de atenção ao trabalho essencial que as Brigadas de Combate a Incêndios realizam em todo Brasil. Tive a dimensão da importância desse trabalho, em geral voluntário, nessa experiência. Tenho a intuição de que com o aquecimento global, com os governos irresponsáveis e com a pulsão destruidora do agronegócio, cada vez mais teremos que colocar atenção a esse trabalho. Finalizo este relato em julho de 2021, no mesmo dia em que apagamos um incêndio no entorno do Centro Cultural Casarão, em Barão Geraldo, na cidade de Campinas (SP). Essa sincronicidade talvez seja um alerta para nos prevenirmos, em todo canto, dos incêndios que infelizmente serão cada vez mais frequentes em nosso país. Seguimos nas lutas pela vida. Vida que quer mais vida.

Dedico este texto a todxs que nos ajudaram e, em especial, aos irmãos Márcio e Deco, moradores do Vale da Pedra Branca, conhecedores das técnicas tradicionais de manejo do fogo, por terem agido rápido com muita precisão nos orientando em todas as ações. Dedico também a Daniel Tygel, então presidente da Aliança, que esteve conosco desde o início e durante toda semana apagando os focos na mata, fazendo relatos diários e articulando o poder público local.

Para apoiar o projeto Brigada de Combate a Incêndio promovido pela Aliança e outras ações ambientais da associação: <https://www.catarse.me/aliancapelapedrabranca>



A Autora



Alik Wunder é professora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Pesquisa artes ameríndias e afro-brasileiras, filosofia contemporânea e imagem, em especial, fotografia. É pesquisadora da Linha de Pesquisa Arte e Linguagem em Educação e do Grupo de Estudos Audiovisuais - OLHO. É editora da coluna “Educação e Diferenças e...” da Revista Coletiva.